



e-ISSN: 2447-8180

DOI: 10.19180/2447-8180.v4n12020p197-208

Submetido em: 15 mar. 2020

Aceito em: 7 maio 2020

Arquivos documentais e visitação: trabalhando com a memória institucional

Documentary archives and visitation: working with an institutional memory

Henrique Barreiros Alves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, *campus* Macaé, RJ – Brasil. E-mail: henriquebarreirosalves@gmail.com

Resumo

Aborda as temáticas do patrimônio e da identidade institucional, através do relato de experiência, dando prosseguimento às ações do Centro de Memória do Campus Macaé do IFFluminense. Nesta fase do projeto, trabalha-se a memória do lugar por meio da realização de visitação ao campus, por meio da modalidade guiada, bem como da “autoguiada”. Durante a visitação, são realizadas remissões à história e à memória dos “microespaços” institucionais, de forma que sejam compreensíveis as diversas etapas de transformação pelas quais estiveram expostos ao longo do tempo. Para este intento, foram instalados banners fixos em local de grande circulação, além de pequenas placas em outros locais do campus, com a tendência de inclusão de novas placas ao longo do projeto, assim como a galeria de diretores. Outra vertente, ainda em elaboração, visa ao tratamento do arquivo institucional, o qual conta com variados tipos de documentos, de textuais a imagens, tanto em suporte físico como digital. O arquivo está sendo organizado seguindo os preceitos básicos da arquivologia, e vem sendo disponibilizado à medida que o trabalho avança. O catálogo com os documentos já disponíveis pode ser acessado on-line pelo Sistema de Bibliotecas do IFFluminense.

Palavras-chave: Memória. Arquivo. Patrimônio. Identidade institucional. Centro de Memória.

Abstract

It addresses the themes of heritage and institutional identity, through the report of experience, continuing the actions of the Memory Center of Campus Macaé of IFFluminense. In this phase of the project, the memory of the place is worked through the visitation to the campus, through the guided modality, as well as the “self-guided”. During the visitation, references are made to the history and memory of the institutional “micro spaces”, so that the various stages of transformation through which they have been exposed over time are understandable. For this purpose, fixed banners were installed in places of great circulation, in addition to small signs in other places on the campus, with the tendency to include new signs throughout the project, as well as the directors’ gallery. Another aspect, still under development, aims at the treatment of the institutional archive, which has several types of documents, from textual to images, both in physical and digital media. The archive is being organized following the basic precepts of archivology, and has been made available as the work progresses. The catalog with the documents already available can be accessed online through the IFFluminense Library System.

Keywords: Memory. Archive. Patrimony. Institutional identity. Memory Center.

1. Uma introdução, um percurso

Há sete anos e meio, em meados de janeiro de 2012, servidores entram em efetivo exercício no *Campus Macaé* do Instituto Federal Fluminense (IFF)¹. A frase poderia ser facilmente remetida ou utilizada para uma chamada de notícia no *site* institucional ou, quem sabe, até em algum jornal local. No entanto, chamamos a atenção para um outro aspecto, o percurso. Em artigo anterior², iniciamos as discussões acerca do estabelecimento do IFFluminense em Macaé, questão também abordada em outros trabalhos institucionais ao longo do programa de centros de memória³.

O espírito crítico e curioso ao qual sempre devemos nos dispor, sobretudo dentro uma instituição educacional, guia-nos também neste momento. O percurso⁴? Qual seria a importância de se refletir sobre o percurso? Seria o percurso institucional ou o pessoal? Começamos pela última

¹ A inversão aqui é proposital, em razão da aproximação do sujeito com o território, através da instituição e não como a grafia usual hierárquica tradicionalmente e formalmente utilizada se apresenta, de instituição para *campus*.

² Faço remissão ao trabalho “A construção do Instituto Federal Fluminense *campus* Macaé e sua relação com a história macaense”, disponível em: http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/cadernos_de_extensao/article/view/7641/5315.

³ O Programa “Centros de Memória nos *campi* do Instituto Federal Fluminense”, iniciado no ano de 2012, parte da premissa que as diversas realidades de cada município e/ou região fluminense onde se encontram os *campi* do IFFluminense, longe de serem fatores de desagregação, são fatores de enriquecimento cultural, refletindo a própria característica da sociedade brasileira em sua diversidade cultural. O programa visa preservar e divulgar a memória do Instituto Federal Fluminense a partir da realidade histórica dos diversos *campi* que o compõem, em sua integração com o território local.

⁴ Entendido aqui como percurso histórico institucional e no caso do sujeito no projeto de vida.

indagação, respondendo com uma nova: será que o percurso institucional e o pessoal não estão permanentemente cruzados? Entendemos que sim, haja vista que as instituições só existem por meio das pessoas que as formam. Caso contrário, seriam apenas construções e identidades jurídicas vazias.

Podemos até inferir que as trajetórias pessoais também têm influência direta na trajetória institucional. Como exemplos, citamos os diversos alunos que posteriormente ingressaram na instituição como colaboradores, e mesmo membros da sociedade civil, os quais interferem no funcionamento da instituição por meio de conselhos ou de outros instrumentos oficializados. Também podem ser considerados como exemplos a trajetória acadêmica dos servidores e a consequente influência nas práticas institucionais, em múltiplos âmbitos, do administrativo ao docente, assim como os aspectos políticos, sociais e culturais, tão presentes e necessários ao compasso entre sociedade e escola, através dos sujeitos parte daquele ambiente.

Retomando a primeira frase dessa discussão, fala-se diretamente do percurso e, neste momento, buscamos o percurso do indivíduo. Chegamos, então, à resposta do segundo questionamento: qual seria a importância de se refletir brevemente sobre o percurso do sujeito? Ainda que seja naturalmente observada a preponderância do estudo da história das instituições, dada a importância que adquirem na sociedade em que estão inseridas, ou de indivíduos em geral considerados ilustres, pensamos aqui em usar como ponto de partida um dos muitos indivíduos que formam essas instituições e que normalmente têm suas trajetórias desvanecidas pelo tempo, não sendo objetos de pesquisadores em estudos biográficos posteriores.

Podemos utilizar um desses servidores para ilustrar e iniciar o desenvolvimento da nossa discussão. Em 2012, o servidor utilizado como exemplo iniciou suas atividades profissionais no *campus* Macaé, passando a observar a ausência de arquivos institucionais organizados, bem como a de qualquer espaço que remetesse à história ou à memória institucional e territorial. Percebeu que, no que tange à organização dos arquivos institucionais, havia iniciativas de alguns poucos servidores em reunir artigos de jornal sobre o *campus*; e, quanto aos aspectos da história e memória, iniciou o registro por meio da oralidade, especialmente entre alguns profissionais mais antigos, entre eles, aqueles participantes do momento de fundação do *campus*, movidos por uma grande carga afetiva⁵.

Naquele momento também foi aberto um edital para a instalação de Centros de Memória (CM)⁶ no IFFluminense, sendo submetida a proposta para a implantação do Centro de Memória, pelo *campus* Macaé, um pouco mais tarde, em 2014⁷. Selecionado, o projeto de extensão vem sendo executado até o momento, tendo passado por inúmeras fases. Neste ponto, cabem algumas considerações importantes para o estabelecimento de um Centro de Memória.

A primeira volta-se para a noção de projeto, consolidando a percepção de trajetória e/ou percurso adotada até aqui, sob a perspectiva de Gilberto Velho de que em

⁵ O *Campus* Macaé completa 26 anos em 2019, tendo já alguns servidores e servidoras em aposentadoria.

⁶ O primeiro edital para implantação dos Centros de Memória no IFF seria o Edital nº 61 de 21 de maio de 2012.

⁷ Através do Edital nº 06 de 28 de janeiro de 2014.

[...] qualquer sociedade há processo de individualização, através de inserção do lugar do indivíduo na sociedade e do desempenho de seus papéis sociais. Mas a individualização seria própria das sociedades ou segmentos sociais onde florescem ideologias individualistas que fixam o indivíduo socialmente significativo [onde] a noção de biografia é fundamental. A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de **projetos**. (VELHO, 1994, p. 99-101, [grifo nosso]).

Com isso apreende-se que a possibilidade de implantação do centro de memória por si só visa a um intento tanto por parte da instituição quanto dos envolvidos (colaboradores, coordenadores e bolsistas), em sua consolidação. Como disposição inicial, concentraram-se estratégias de consolidação da imagem institucional e cumprimento da legislação que incentivou sua criação⁸. O segundo, volta-se a um projeto, no sentido de “instrumento básico de negociação da realidade” (VELHO, 1994, p. 103), por meio do qual os indivíduos articulam seus interesses e constroem sua biografia⁹.

O que se pretende salientar é que, como qualquer outra iniciativa de extensão, o Centro de Memória (CM) também é permeado pela concepção pessoal de seus colaboradores, ganhando, com isso, cores próprias, refletindo a forma como a instituição é representada em sua memória e história, assim como na evidente condução do CM. Outros fatores decisivos tais como a identidade, a ideologia e a memória pessoal¹⁰ também devem ser considerados, apesar de não serem abordados diretamente neste artigo, em razão de sua amplitude.

A segunda consideração, de caráter prático mas também biográfico, se traduz no interesse territorial necessário ao empreendimento do CM, o que, por si só, constitui um desafio. Afinal, como esclarece Gaudêncio Frigotto (2019, p. 145, [grifo nosso]), com relação ao estabelecimento dos servidores no território onde o *campus* está sediado,

A intensa pressão de **transferências** de docentes, mesmo por questões legítimas e, por vezes, humanitárias, incide sobre aquilo que é o eixo estruturante da qualidade de um processo pedagógico. O depoimento de um dos questionários de um *campus* expressa o que é uma regra nos IFs, mesmo que a forma de enfrentar tenha diferentes estratégias: A mobilidade é uma prática muito intensa. São muitos docentes que necessitam de remoção ou redistribuição para outras instituições: por acompanhar cônjuge, por realizarem concurso, por questões familiares etc. Não há regras rígidas quanto à mobilidade, mas já realizamos editais para candidaturas a vagas em outros *campi* e também recebemos muitos servidores de outras instituições. Temos o princípio de que é importante ter o servidor satisfeito também na **sua vida pessoal**, familiar e que por

⁸ Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 que Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.

⁹ Segundo Cortez e Souza (2000, p. 53), talvez a maior contribuição de Batkhin à problemática da biografia e autobiografia consista em dizer que não existe separação entre as duas, pois em termos de valores, a autobiografia sempre tende a realizar o valor biográfico, em que pesem todas as críticas ao seu subjetivismo.

¹⁰ À luz de Maurice Halbwachs.

essa razão há um rendimento maior também no trabalho. Muitas vezes são realizadas remoções por interesses institucionais e por necessidade do *campus*, mas sempre que isso signifique **satisfação do servidor** também.

Ao corpo de servidores também se acrescentam os técnicos-administrativos, muito atuantes no eixo da extensão. Ao conferir verdadeiro destaque à vida pessoal e ao regozijo do servidor, ficam ainda mais evidentes o projeto e a individualidade do sujeito, em seu caráter essencialmente biográfico, conforme já destacou Gilberto Velho. Objeta-se ainda, evidentemente, a relação entre o interesse pela história da instituição e do território norte-fluminense com o projeto de sua permanência nesse território, bem como a satisfação do servidor.

A esses fatores um acréscimo parece importante: a cidade de Macaé conta com uma peculiaridade que deve ser considerada, a saber, a “grande afluência de pessoas e novos negócios em torno da Petrobras e da cadeia de produção de óleo e gás [...] e a população flutuante que acompanhou as atividades no entorno da produção de petróleo” (ABREU E SILVA; CARVALHO, 2019, p. 22), configurando um fator que merece a devida atenção ao se pensar na perspectiva da territorialidade e do estabelecimento das famílias, aqui incluídos os servidores do IFFluminense.

Por essa razão, afirma-se que os projetos ou percursos institucionais e individuais se entrecruzam, e que observá-los sob o viés dos sujeitos pode enriquecer a análise do andamento das frentes¹¹, neste caso, as extensionistas, desenvolvidas na instituição.

Sob essa vereda, várias iniciativas que buscam a preservação e a disseminação da história e da memória institucional e regional foram empreendidas, no âmbito do programa, em suas diferentes fases e coordenações. Entre aquelas iniciativas, destacamos a última, objeto deste artigo.

2. Acervo, identidade e disseminação

O programa “centro de memória” vem sendo coordenado em Macaé, desde a sua submissão inicial, por servidores lotados na coordenação de biblioteca do IFFluminense, o que trouxe, desde o seu estabelecimento, uma grande preocupação com o acervo, com suas tipologias captadas, incluindo vídeos, fotografias, livros e documentos oficiais. Tal esmero exigiu (e ainda exige) uma equipe especializada, insumos e uma infraestrutura física disponível para realização do trabalho de processamento técnico e disponibilização dos materiais captados.

Esse trabalho basilar¹² vem sendo executado progressivamente e tem papel relevante nas ações empreendidas, sempre fazendo parte das submissões realizadas. Isso se justifica pela necessidade de preservar o que se entende como patrimônio material da instituição e, ainda, de

¹¹ Pode ser interessante para pesquisas posteriores observar o andamento e a forma como os projetos dos centros de memória foram se desenvolvendo dentro da instituição e sua ligação com a biografia dos autores das propostas submetidas aos editais.

¹² Entendemos a importância desse trabalho, por inexistir um setor específico para tratamento desse tipo de documento/informação, o que pode implicar na perda definitiva de suportes informacionais importantes para a história da instituição.

proporcionar eventuais pesquisas internas e externas. Atualmente, grande parte do acervo captado está disponível no Sistema de Bibliotecas do IFF¹³, e o arquivo vem sendo tratado, ainda de forma incipiente, pelas bolsistas do projeto. Recentemente, foi concedido um pequeno espaço para o desenvolvimento do programa no *campus*, o que, infelizmente, não é realidade em outros *campi*.¹⁴

É significativo ressaltar a importância da memória para a pesquisa, neste caso, voltada ao âmbito escolar, considerando que “é nesse horizonte que as memórias de alunos e professores, entre outras fontes, permitem estabelecer conhecimentos de base para que a crítica histórica possa abrangê-las.” (CORTEZ; SOUZA, 2000, p. 53).

A iniciativa de disponibilizar um acervo que remetesse à história e à memória da instituição partiu da realização de pesquisas, incluindo entrevistas, as quais se deram ao longo do desenvolvimento do projeto. O conhecimento sobre a iniciativa de construção da escola em Macaé, bem como de todos os elementos que motivaram a sua existência, à época, desde o forte apoio popular expresso pela mídia à inexistência de uma escola técnica pública no município e a crescente demanda de trabalhadores pela Petrobrás e prestadoras, chama a atenção para a importância da Escola Técnica para a comunidade naquele momento histórico.

Ao longo do projeto observou-se um fato muito interessante, ainda que empiricamente experimentado: podemos afirmar que poucos servidores que ingressaram na instituição nos últimos anos conhecem a história do estabelecimento do nosso *campus*¹⁵. Esse é um fator a ser considerado, se observado o viés identitário e de pertencimento, ao qual a memória¹⁶ é indiscutivelmente vinculada. Tal observação coaduna com as atividades em curso pelo Centro de Memória do *campus* Macaé do IFFluminense, buscando envolver a comunidade em ações voltadas à disseminação do conhecimento histórico da instituição.

Ao refletir sobre a identidade dos Institutos Federais, de modo geral, Gaudêncio Frigotto ainda destaca que o

[...] aspecto que se evidencia é de que os IFs, pela junção de instituições de culturas muito diversas, pela amplitude de níveis e modalidades de ensino e outros programas, pela pesquisa e extensão, pela nova regionalização e pelos **novos quadros**, encontram dificuldade para definir sua nova institucionalidade e, como tal, sua identidade como uma rede é apenas formal. Cada IF está tentando construir sua identidade e, como tal, no plano da negociação política não tem a mesma força que tinham os CEFETs. (FRIGOTTO, 2019, p.147, [grifo nosso]).

¹³ Disponível em biblioteca.iff.edu.br.

¹⁴ Cabe salientar a necessidade de apoio arquivístico ao programa no *Campus* Macaé, o que foi descontinuado após a ausência do arquivista e posteriormente da técnica de arquivo do suporte aos centros de memória.

¹⁵ É necessário realizar pesquisa mais detalhada sobre a temática junto à comunidade acadêmica, sobretudo para identificar se esse panorama vem sendo alterado pelas ações do CM.

¹⁶ Maurice Halbwachs distingue duas memórias, uma interior e outra exterior, à primeira chama de memória pessoal, à outra memória social; uma, memória autobiográfica, e a outra, histórica. “A primeira se apoiaria na segunda, pois toda a história de nossa vida faz parte da história em geral”. (HALBWACHS, 1997, p. 55).

Talvez seja possível fazer uma distensão do conceito de “negociação da realidade” (VELHO, 1994, p. 103) para a instituição, entendendo o “político” na sua articulação de “interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo”. Dessa forma, como resultado do entrecruzamento entre instituição (entendido como coletivo) e indivíduo, pode surgir a formação de novos projetos “enquanto deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades em que está inserido” o indivíduo.

Daí a importância da memória que, mesmo fragmentária em seus fatos e episódios separados, pode dar sentido à identidade por meio da organização desses fragmentos. Afinal, mesmo que o passado seja descontínuo, a sua consistência e significado, por meio da memória, articulam-se à “elaboração de projetos que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações”. (VELHO, 1994, p. 103). Operacionaliza-se, assim, o estabelecimento de um centro de memória.

É importante reafirmar que esse formato de edital para o estabelecimento de centros de memória surgiu no IFFluminense apenas no ano de 2012, motivo pelo qual se faz o seguinte questionamento: a que ponto as instituições públicas pensam formas de integração às comunidades utilizando seu capital de memória e histórico? A indagação se faz necessária, sobretudo, se observada a nova identidade institucional alcançada em 2008 com a transformação da nomenclatura CEFET para Instituto Federal pela maioria das escolas técnicas do Brasil.

3. Aproximação, desafio

Inúmeras empresas privadas exploram o viés identitário e de pertencimento junto aos seus colaboradores, e mesmo consumidores, pensando e refletindo valores e, até mesmo, em alguns casos, fetichizando seus produtos em ideias que remetem às mais variadas características. Talvez o maior exemplo internacional seja a empresa Apple. No Brasil, podemos destacar vários exemplos, conforme salientam Camargo e Goulart (2015, p. 68)

O Centro de memória da Bunge [...] afirma trabalhar com informação e se considera instrumento de gestão ao promover a humanização das relações da empresa com a sociedade e, intensamente, com seus próprios servidores [...]. Para a Gol, a missão do centro de documentação e memória é, essencialmente a de “produzir informações”. A Unilever dedica-se ao registro da trajetória da empresa por meio da organização das fontes documentais [...], valorizando os eventos e os momentos de mudança e as motivações que nortearam suas atividades.

Variados são os exemplos que podem ser mencionados, visto que muitas instituições privadas buscam, na história, elementos que possam reforçar suas imagens como partícipes da comunidade, considerando os centros de memória uma importante ferramenta de integração.

No contexto do IFFluminense, enquanto instituição pública, é importante destacar que a intenção do Centro de Memória é que a história e as memórias do *campus*, vinculadas à história do município, sejam objeto de análise crítica por parte da comunidade, sobretudo por nossos alunos. É preciso ir além do mero enaltecimento da instituição, da cidade e do espaço consolidado ao longo dos anos. Cuidado ainda maior deve ser tomado em relação ao “mecenas” da Petrobrás na construção e nos primeiros anos de funcionamento da instituição. Tal cuidado se faz imperioso para que não se perca de vista o uso político capitaneado pela empresa junto à comunidade macaense como também a necessidade de formação de trabalhadores para atuação junto ao mercado de trabalho formado na cidade.

Nesse sentido, Cortez e Souza (2000) chamam a atenção para essa vertente política que se substancializa na representação da escola através do tempo, partindo da instauração da República (quando a acomodação dos dispositivos de poder não lhe reservou papel preponderante) diante da inexistência da expansão do sistema de ensino naquele momento e da ausência de mudanças significativas nas estruturas sociais e econômicas; e chegando à redefinição dos rumos no social, onde a escola estaria entre os dispositivos reformulados por meio dos quais as elites afirmam seu domínio imprimindo a nova concepção de nacionalidade. Esse período foi marcado por discursos relacionados à instalação de escolas no Brasil, em que duas vertentes de historiadores divergem:

[...] ou se pensa que esse discurso tinha propósitos normatizadores, e aí se enfatiza o caráter da escola como disciplinadora de comportamentos, capaz de transformar o elemento nacional em força de trabalho adequada à industrialização – ou se insiste, como forma alternativa, no discurso da exclusão, e nesse caso se aponta para o pouco crescimento do ensino público fora dos centros mais dinâmicos da economia¹⁷. Em ambos os casos, a referência às massas populares enquanto sujeitos históricos está ausente. (CORTEZ; SOUZA, 2000).

Sobre esse cenário não devem pairar névoas, relegando-se ao segundo plano o uso da força de trabalho e a formação meramente voltada ao trabalho presentes naquele momento histórico e com reflexos no senso comum até os dias atuais.

Que se faça a devida crítica por meio da utilização das memórias e fontes históricas disponibilizadas, e que elas auxiliem na expansão dos horizontes da nossa comunidade. Le Goff (1990, p. 471) também destaca o aspecto libertador da memória para o ser humano, “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

A estratégia da visitação¹⁸ é um dos exercícios de aproximação da comunidade com a instituição, adicionando-se, assim, um novo elemento à dinâmica da escola, envolvendo servidores,

¹⁷ Observar que o texto foi publicado em 2000, antes da grande expansão dos Institutos Federais nos anos dos governos Lula e Dilma.

¹⁸ Ainda estão pendentes a instalação de QR *codes* e de audiodescrições para adicionar a acessibilidade aos espaços onde se localizam os painéis e placas do CM.

alunos e visitantes. Essa dinâmica decorre da presença de visitantes ocasionais, habitualmente em razão da realização de eventos externos na instituição bem como das visitas de escolas do ensino fundamental, recepção de membros da comunidade ou mesmo em razão da disponibilização do espaço para outras finalidades.

4. Os painéis, exercício

A disponibilização dos painéis históricos, do mapa de visitação e das placas associadas em locais de grande circulação chamam a atenção do público transeunte, e em constante renovação, do qual a memória ou mesmo a história da instituição sejam desconhecidas.

Ao todo, foram instalados nove painéis, os quais remetem ao período que se estende dos anos anteriores à fundação do *campus* até a realização de sua primeira eleição para gestão do *campus* (Figura 1), incluindo o mapa de visitação. Este, por sua vez, remete a outras nove placas¹⁹, que vão desde o auditório, biblioteca e grêmio até os blocos narrando brevemente a memória e a história desses espaços, entendendo as transformações pelas quais a instituição passou ao longo dos anos.

A proposta é que os painéis funcionem como um tipo de objeto biográfico institucional pois carregam em si projeções de experiências de vida daqueles que passaram ou ainda permanecem na instituição.

Os objetos biográficos são construções do mundo material sobre as quais são projetadas experiências de vida do seu possuidor. Como fonte de descobertas, o objeto biográfico ancora memórias e representações. O significado biográfico dado ao objeto é efetivado na presença constante deste elemento material na vida de seus proprietários. Pessoas e coisas não existem de forma separada. Os objetos biográficos contemplam significados simbólicos e idiossincráticos: “contam” a história de seus donos. (ALMEIDA; AMORIM; BARBOSA, 2007 p. 102).

A aplicação de entrevistas ao público visitante visando a apreender o modo de interação com o material exposto se dará de forma segmentada (técnicos-administrativos, docentes, alunos e visitantes) e será objeto da próxima fase do projeto, buscando demonstrar a efetividade da utilização desses recursos.

¹⁹ Mais placas deverão ser instaladas na pretendida continuação do programa no *campus*.

Figura 1. Alguns dos painéis instalados



Fonte: Do autor (2019)

Figura 2. Algumas das placas



Fonte: Do autor (2019)

A visitação “autoguiada” é realizada utilizando-se o mapa instalado em um dos painéis, o qual possui a localização dos locais indicados nas placas presentes na Figura 2. Estas, por sua vez, contam a história ou remetem à memória de forma especificada, permitindo assim a circulação pela instituição, conhecendo-a por meio da utilização dos aspectos pertinentes à sua formação. A avaliação desse tipo de visita consiste em um desafio. Inicialmente será utilizada a tecnologia do *QR code* para que o visitante avalie a visita e o recurso disponibilizado.

Figura 3. Visitações guiadas



Fonte: Do autor (2019)

As visitas guiadas também são realizadas em conjunto com outros projetos de extensão, normalmente sob demanda. Nelas, as bolsistas do programa realizam exposições orais, apoiadas na cronologia definida nos painéis, procurando articular o estabelecimento da instituição à história da região.

5. Considerações finais

Este trabalho buscou evidenciar, por meio da memória institucional no cotidiano escolar, o sentimento de pertencimento e formação de identidade inerente às instituições de educação, aproximando servidores e estudantes dos acontecimentos que formaram o contexto da instalação da instituição na cidade, sempre destacando as forças e interesses envolvidos nesses processos, possibilitando espaço para o entendimento crítico e contextualizado, acessado através de fontes primárias como artigos de jornais da época.

Alicerçando-se sobre o viés de Gilberto Velho, entende-se que o centro de memória pode contribuir com o projeto dos indivíduos e que esse amparo parte da organização dos fragmentos de memória e do passado descontínuo apresentados pelo autor, visando, através de sua consistência, à articulação com a elaboração de projetos, conferindo sentido e estabelecendo continuidades.

Esse compromisso deve ser assumido com muita seriedade, posto que não se trata de mero e cego enaltecimento de elementos escolhidos, como se pode verificar em alguns casos, sobretudo em nichos privados, nos quais, por vezes, prevalece o interesse por marcas ou pela identidade de empresas. Outro componente que não deve ser esquecido é a ideologia, que sempre será inerente aos discursos. Considerando que estamos inseridos em uma escola onde se formam indivíduos, essa proporção é alargada.

Os esquecimentos devem ser igualmente assumidos e a memória ou mesmo as fontes históricas devem ser tratadas, preservadas e disponibilizadas. Quando apresentadas ou expostas, é imperiosa a análise e a contextualização do seu caráter de “verdade” no sentido de trazer maior corpo à formação daqueles que com elas têm contato, consolidando os fragmentos de memória por meio das contradições.

O objetivo deste artigo é trazer à tona algumas das questões que circundam o fazer de um Centro de Memória, expondo, por exemplo, a constituição e o desenvolvimento da primeira fase da disponibilização ao público do acervo histórico trabalhado na instituição por meio da utilização do recurso visual dos painéis. Nesse sentido, este trabalho buscou trazer à reflexão a importância do contato com a história da instituição, tensionada com as contradições inerentes a tal tarefa, que exigiu ampla pesquisa ao longo do projeto.

No primeiro painel exposto, apresentamos a frase “O objetivo da exposição é proporcionar às gerações de estudantes, servidores e membros da comunidade o contato com a história no nosso *campus*”. Talvez essa seja a maior ambição do programa de Centro de Memória do *Campus*

Macaé: conferir visibilidade ao aspecto simbólico e afetivo da instituição sobre a comunidade, ativando suas memórias, entendendo que essa direção foi escolhida e representa uma expectativa de mundo, um projeto de indivíduo e instituição.

Referências

ABREU E SILVA, Scheila Ribeiro de; CARVALHO, Meynardo Rocha de (org.). **Macaé, do caos ao conhecimento**: olhares acadêmicos sobre o cenário de crise econômica. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques; BARBOSA, Xênia de Castro. Performance e objeto biográfico: Questões para a história oral de vida. **Oralidades**, São Paulo, ano 1, n. 2, jul./dez. 2007.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de Memória**: uma proposta de definição. São Paulo: Sesc, 2015.

CORTEZ, Maria Cecília; SOUZA, Christiano de. **Escola e Memória**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.) **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.